Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1023

30 DE MAIO DE 1907

Redacção – Atelier de gravura – Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

O Ex-Presidente Dr. Rodrigues Alves de passagem em Lisboa

Bibliothecas Municipaes de Lisboa

Desembarque do Ex-Presidente Dr. Rodrigues Alves e seus filhos, no Posto de Desinfécão, em Lisboa
(A' esquerda, sr. dr. Alberto Fialho, ministro do Brazil em Lisboa)

(Instantaneo Benoliel)

Chronica Occidental

Um mal nunca vem só, diz o dictado. E percebe-se até certo ponto n'uma pessoa, que, ferida pelo primeiro, não se escuda contra o segundo, e, de cabeça perdida pelos dois, nem já vê a ameaça de terceiro, quarto e quinto. Mas que assim em tudo seja!

Se me ponho a meditar o indice que fiz para esta chronica, dá-me vontade de saltar por cima de meia duzia de capitulos, deixando os no negrume do meu tinteiro. Crimes, desastres, suicidios... E para mais a politica, que nos não deixa um instante de socego, nem sequer para commentar com elogio os telegrammas do ultramar recebidos pelo sr. ministro da marinha! Ainda, de vez em quando, nos pediria o coração um bocadinho de elogio a actos do governo, mais não fosse do que para variar nos fortissimos da symphonia que constante ouvimos fazendo estoirar os metaes e os instrumentos de pancadaria. Mas não ha remedio senão contar, e commentarios poucos.

Mez de maio. Mez de Maria! Mez das flores! *Quam mutatus ab illo!*

Lá que mudaram as estações é certo, e andam até os homens de sciencia algum tanto preoccupados com os motivos d'essa mudança, que alguns atribuem a desvios do gulph-stream. Mas serão as correntes oceanicas, que tambem influem na esquentação das cabeças?

Crimes e desastres, horrorosos desastres e crimes, conseguiram occupar columnas dos jornaes noticiosos para pequenino descanço do governo. Antes tal se não dera.

Anda a policia em cata da criminosa ou dos criminosos, que, na escada d'um predio, nas proximidades do Chiado, abandonaram o cadaver d'uma criança recemnascida, todo elle barbaramente esquartejado. Repugna acreditar na descripção feita pelos jornaes. Talvez com o fim de o deitarem por um cano de despejos, até as orelhas lhe haviam cortado!

E d'ahi, prisões, interrogatorios, um desvendar de misterios sem utilidade, um estendal de roupa suja com que nada lucram nem a justiça nem a moral. Os criminosos ainda não foram descobertos, mas dos trabalhos da policia e da publicidade que lhes foi dada, já vergonhas para alguns resultaram, sem nenhum proveito. Estes casos lembram aquelle na *Robe rouge* tão admiravelmente tratado por Brieux.

São raros, felizmente, crimes d'esta ordem em Lisboa; mas, já que em crimes falámos, não deixemos de mencionar os tiros dados na feira de Alcantara contra uns policias, n'uma questão, segundo parece, sem valor algum. Ora diz-se — e eis o extraordinario — que o possuidor do revolver foi sempre o melhor e o mais socegado homem d'este mundo.

E continuemos em coisas tristes.

Um actor do theatro da Avenida, Francisco Salles, muito estimado pelos seus companheiros.

foi atropellado por um automovel e falleceu, poucas horas depois, no hospital de S. José. Não houve culpa do *chauffeur*; tambem d'outras vezes não houve: mas se os automoveis são de sua natureza assassinos, porque os consentem assim na cidade?

Não era actor muito conhecido. Cremos que não ha muito se havia estreado. Comico seria; teria entrado em revistas, procurando fazer rir o publico. Quantas vezes a morte assim faz contraste á vida

ACTOR FRANCISCO SALLES

Medonho desastre foi o succedido na linha do Algarve, perto da estação de Saboia-Monchique. Foram oito os mortos e os feridos vinte, todos elles corticeiros, quasi todos de Santa Barbara de Nexe, linda aldeia da serra, proximo de Faro. Iam á vida, ao trabalho, de todos do anno o que lhes deixa maior lucro. Iriam contentes; voltariam ao lar com uns tostões, depois de muitos dias de trabalho penoso, comendo pão duro, dormindo nas malhadas ao ar livre. Bemdito seria depois o descanço. E em vez das benções, quantas lagrimas de viuvas e orphãos vão agora n'aquelles lares!

Uns procuram a morte, aquelles iam procurar a vida. Nem é facil dizer quaes são mais felizes, se aquelles com quem a morte vem ter, quando uma esperança os anima, se os que, desanimados na vida, tentam acabal-a.

Sem falarmos do que se precipitou do alto do elevador de Santa Justa, naturalmente n'um momento de loucura, pois, segundo se diz, nenhuns motivos tinha para tentar contra a vida, demos uma lagrima de compaixão á infeliz criança de onze annos, que, porque partira uma chicara, atou ao pescoço uma corda e cadaver seria a esta hora, se lhe não valem uma visinha, que chamou soccorro, e a intervenção d'um policia, que arrombou a porta. Que medonho romance de miseria não revela a acção d'esta pequenina criatura!

Mas ponhamos finalmente de lado a parte mais negra dos successos nos ultimos dez dias, e vamos ao assumpto que ha muitas semanas nos é principal, com a aggravante da ameaça de ainda o ser muito tempo: a dictadura! Cheguei a ter vontade de escrevel-a em normando.

Nem os caixeiros assim querem acceitar o decreto que lhes conceda o descanço semanal ha muito pedido. A moção n'este sentido apresentada pelo socio sr. José d'Almeida, foi approvada por unanimidade na Associação de Classe dos Caixeiros. Nunca politicos, conselheiros de estado em suas cartas ou republicanos em seus comicios, protestaram com maior eloquencia.

O comicio dos republicanos effectuou-se, domingo passado, n'uns terrenos proximos da Avenida D. Amelia. Correu com muito socego, apezar do calor com que falaram os oradores, srs. Theophilo Braga, Manuel da Arriaga, Antonio José d'Almeida, Sá Pereira, Brito Camacho e Bernardino Machado, que, além da ovação que ouviu ao terminar o seu discurso, outra recebeu, horas depois, ao entrar na Praça do Campo Pequeno. A moção foi apresentada pelo sr. Brito Camacho e approvada por acclamação.

Mais que o protesto dos republicanos, e por ser facto muito mais excepcional, produziu funda impressão entre os politicos a carta dirigida a El-rei por sete membros do Conselho de Estado, os srs. José Luciano de Castro, Hintze Ribeiro, Francisco Beirão, Julio de Vilhena, Pimentel Pinto, Antonio de Azevedo e Moraes de Carvalho.

Não se havendo prestado El-rei a recebel-os, como lhe fôra pedido, senão a cada um por sua vez, declinaram a honra e resolveram dizer por escripto quaes os motivos de seu protesto, affirmando que, não tendo sido ouvidos sobre a dissolução da camara, lhes assiste o direito e teem a obrigação de reclamar contra a falta de cumprimento dos preceitos constitucionaes. Chamam depois a attenção de El-rei para a crise que o paiz atravessa e requerem que seja urgentemente restabelecida a normalidade constitucional.

Mas este protesto não é bastante, e outros se hão de seguir-lhe. Reuniram-se os regeneradores em casa do sr. Hintze Ribeiro, os progressistas em casa do sr. José Luciano de Castro, os dissidentes na redacção do *Dia*, e todos se mostram dispostos ao mais intimo dos acordos, recuperando depois cada qual sua liberdade de acção, para combaterem o actual governo. Tem sido discutida a vehemencia da linguagem empregada pelos oradores. Até os legitimistas se reuniram nas salas da *Nação*, ficando resolvido reeditar e espalhar por todo o paiz o programma d'este partido. Uma commissão irá expressamente á Austria conferenciar com o sr. D. Miguel de Bragança.

Ha muitos annos que se não via em Portugal tamanha agitação politica.

Foram ao Paço levar seu protesto os pares do reino e antigos deputados da opposição.

E para que nem sombras de socego nos surjam no horizonte, outra vez muito confusa, em suas consequencias, nos apparece a complicadissima questão dos estudantes.

Desfizeram-se muitas esperanças e o decreto resolvendo mandar encerrar matriculas parece que nem para allivio poderá servir. A' hora em que escrevo, segundo um telegramma para o *Seculo*, muito poucos requerimentos de estudantes tinham dado entrada na secretaria da universidade. Os cursos do segundo e terceiro annos de medicina já haviam resolvido por unanimidade não encerrar matriculas e parece que da mesma opinião seriam os outros cursos. Mas pouco, por emquanto, se sabe ao certo, porque são muito contradictorias as noticias que se publicam.

É esta uma das questões de maior gravidade que continua posta, para que o governo a resolva urgentemente, e deveria fazel-o por forma que não augmentasse para elle antipathias e confusões para todos.

E descancemos um momento agora. Quereriamos falar de coisas alegres para terminar, mas, por mais que rebusquemos em jornaes, pouco n'elles encontramos que nos desperte a vontade de ainda escrever.

Uma commissão de amadores, composta especialmente dos srs. Conde da Ribeira Grande (D. Vicente), Miguel de Oliveira, Pedro Çoelho Serra, Alfredo Bastos Baptista, Carlos Pinto Coelho, Filippe Tormenta e João Marques da Silva, inaugurou no sabbado uma curiosa exposição de aves: gallinaceos, columbideos e palmipedes, no Parque Eduardo VII, ao fim da Avenida. A concorrencia tem sido grande e o aspecto da exposição é lindo. Que lindos exemplares de romanos brancos, de papos ao vento, de gravatinhas chinezas, de ramellinhas!

Quem não póde falar d'aguias, fale ao menos de pombinhos.

JOÃO DA CAMARA.

O ex-Presidente Dr. Rodrigues Alves de passagem em Lisboa

Pelas 6 horas da manhan do dia 22 do corrente ancorava no Tejo o vapor *Aragon*, procedente do Rio de Janeiro. A seu bordo vinha o ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, que poucas horas se demorou em Lisboa, seguindo viagem para Londres, oude vae deixar suas filhas num colegio.

Breves foram as horas avaramente aproveitadas na recepção feita ao illustre estadista brasileiro, credor de todas as atenções devidas, não só á sua alta posição social, mas, para nós portuguêses, muito especialmente, por ser um filho glorioso dêsse pais na vida do qual gira o mesmo sangue, em corações fraternos, que hoje mais do que nunca, pulsam e aspiram a um mesmo ideal, o engrandecimento da patria.

Se fosse possivel apertar mais e mais os laços que prendem as duas nações, esta secular na velha Europa, aquella a surgir vigorosa, na exuberante America, agora se apertariam, com as demonstrações afétuosas que vem sucedendo-se em cada dia.

Mas os laços de familia são naturalmente insoluveis, e ainda quando a distancia os aparta, esta muitas vezes só serve para mais se sentirem e avivarem em nossos corações.

E' este o caso. Mil leguas se interpõem entre os dois povos, mas que importa a distancia, se essas mil leguas andaram os portuguêses para lá irem levar o melhor do seu sangue, a força da sua vida, o vigor da sua inteligencia, desbravando um novo mundo que frutificou ao seu braço potente, que civilisou gentes, que valorisou terras, que fez surgir cidades, que communicou sua natural riquêsa, seu comercio ao mundo restante.

E por quantos seculos isto sucedeu sem nunca cansar. Hoje, como sempre, é o Brasil sonho de portuguêses. Independente, grande, é como se fôra uma nossa segunda patria, que nos atrae, que nos fascina, iluminada por um sol tão brilhante como o da nossa terra, nós que somos um povo de luz.

E não se pense que esta forte corrente de atração se estabelece porque não tenhamos mais mundo que nos possa interessar. Outro imporio, em Africa, onde fluctua a bandeira da patria, reclama nosso esforço, prometendo-nos larga compensação, mas ainda não nos prendem a este aquelles laços que unem e confundem os povos numa mesma familia, porque a raça africana menos apta a receber a civilisação, a cruzar-se com a europeia, não tem a doçura e a bondade do habitante da America meridional e porque elle é tão meridional como nós, melhor assimila e compreende nossos sentimentos.

Gerações sobre gerações tem sucedido entre os dois povos e com ellas mais vae correndo o mesmo sangue nas veias, não afroxando a força e resistencia da raça lusitana, cujas ramificações o atestam, no vigor dessa nacionalidade que se afirma cheia de vida, dêsse povo livre que toma o seu logar no concerto das nações civilisadas como o que mais direito tem a elle.

Quatro seculos vão decorridos desde que o grande pais principiou a viver para a civilisação e, se o seu desenvolvimento foi lento, nos primeiros tempos, como lento era tambem o progresso das idéas e dos direitos da humanidade, momento veiu que a evolução social proclamou liberdades e direitos que de ha muito eram aspiração latente dos povos.

Washington proclama a independencia da America do Norte e funda a primeira grande republica naquella parte do mundo, no ultimo quartel do seculo XVIII. Estava lançada a semente que devia ir frutificando por toda a America. É D. Pedro de Bragança que dá ao Brasil a independencia, no primeiro quartel do seculo seguinte e funda a nacionalidade brasileira de que elle se constitue o imperante otorgando-lhe a constituição. Era o primeiro passo de um povo que se emancipa e que sobre si quer viver.

Cioso da sua independencia, della se orgulha e menospresa seus irmãos da vespera, que lhes parecem os oppressores de tres seculos.

Era natural; mas esses supostos ópressores, aplaudem-se da sua obra, continuam a ser seus irmãos, continuam a dar-lhe todo o concurso do seu esforço para a prosperidade da grande nação que acabava de fundar-se, e pondo de parte pequenos agravos de familia, como familia colaboram para o bem commum.

Portugal envia-lhes todos os dias os melhores de seus filhos. As suas provincias quasi se despovoam de homens, que deixam os verdejantes campos do seu pais, para irem cultivar terras de Santa Cruz; e lá crescem as povoações, desenvolve-se a agricultura, prospéra o comercio e fórma-se o grande imperio, no qual todos os povos da Europa põem olhos e a elle vão concorrendo tambem de muitas partes, mas nenhum outro povo leva ao Brasil melhor esforço e melhor vontade que o português, porque o Brasil é obra sua, é um filho estremecido, é um irmão querido com quem partilha o seu amor, a quem dá o seu sangue.

Muda um dia aquelle povo o seu regimen governativo; desprende-se da monarquia que já não satisfaz suas aspirações e proclama a republica. Tinha de ser; o novo mundo não é compativel com as velhas formulas, que mal se ajustam a tão grandes Estados, que todos querem sua autonomia, e é sob o novo regimen que o Brasil se expande, abrindo de par em par suas portas á civilisação moderna, a todas os progressos das sciencias, das artes, das industrias.

Empreende as grandes reformas, que virão aumentar sua riquêsa, transforma o pais e faz da capital dos Estados uma cidade moderna, sumptuosa, opulenta.

Nestes grandes empreendimentos tem a melhor parte o ilustre estadista e ex-presidente da Republica, Dr. Rodrigues Alves que ora nos visitou de passagem em Lisboa.

É elle um filho glorioso do Brasil, como dissemos no principio destas linhas, mas é tambem um filho de Portugal, porque seu pae aqui nasceu na virente villa de Ponte de Lima, e lá vive ainda em

terras de Santa Cruz, ancião venerado junto do filho querido.

Como não havemos nós de saudar desvanecidos o illustre estadista que duplamente honra a sua patria e a nossa!

CAETANO ALBERTO.

O «AMEN» DAS PEDRAS

(KOSEGARTEN)

Já cego pelas cans, lá ia andando Béda,
Da nova e vera Lei, na assidua prégação;
De villa em villa andando, de pago em pago, sempre,
Corria o velho antiste, do guia pela mão,
Facundo, com o esto de um jovem coração.

Um dia, pelo moço, levado foi a um valle,
Onde só seixos havia, penedos, sem viv'alma;
E o guia, em brinco leve, que não por feia a alma,
«Venerando,» lhe disse, «aqui pessoas muitas
«Aguardam pelo Verbo, em compostura calma.»

O velho, então, se apruma, e logo, em continente,
O texto sancto elege, e explica, e vae explanando,
Mas tão do coração, com tal fogo prégando,
Que as lagrymas, p'la barba, já lhe iam em torrente.
E, quando, ao terminar, o Padre-Nosso enceta,
Rezado, como cumpre, e bem sentidamente:
«Bem vosso é o vosso Reino, bem vossa a vossa Força,
«Bem vossa a Potestade, que haveis, e eternamente!»
Do valle accordes mil, em côro vêm subindo,
«Amen!» brandando, «Amen!» e p'ra a montanha vindo.

O ephebo treme, e pasma, arrependido, afflicto;
Do venerando antiste ás plantas ajoelha,
Clamando: «Eu hei peccado, e sinto-me contrito!»
«Meu filho,» o velho diz, «não leste tu algures,
«Que quando os homem calam, as pedras fallarão?
«Zombar não queiras mais com o Verbo omnipotente!
«O Verbo de Aarão!
«Tem vida, tem vigor, e talha fundo, e rente,
«Qual dupligumio gladio;
«E sempre que no peito humano, o coração
«Parar, empedernido á vera contrição,
«Será no bruto seixo, nas serras, ou no estadio,
«Que então se irá sentir a humana pulsação.»

ALEXANDRE FONTES.

Um excerpto do sermão a Nossa Senhora dos Martyres na sua real Basilica de Lisboa, 1907

O excerpto que a seguir publicamos e que obsequiosamente nos foi óferecido por seu autor, é mais um rasgo eloquente do notavel orador sagrado P.e Antonio de Almeida, que recorda e illucida sobre esse grande vulto heroico da historia patria, ao lançar os fundamentos da nacionalidade portuguêsa, para a qual conquistou palmo a palmo a terra em que a firmou.

Trecho destacado dessa substanciosa oração que é ao mesmo tempo lição de historia.

Presente de tal valia só o devemos á velha e afétuosa amisade do autor, com que muito nos honramos.

Os nossos agradecimentos.

C. A.

D. Affonso Henriques tinha cerca de 18 annos quando tomou conta do governo do seu pequenissimo Estado. Seu primo e inimigo D. Affonso 7.º era um poderoso monarcha, valente e senhor de vastos territorios ao tempo desembaraçados de émulos e contendôres de alta monta; e o seu podêr era reconhecido e secundado por os soberanos d'aquem e d'alem dos Peryneos. Os dominios de D. Affonso Henriques eram exiguos, e estavam entalados entre os do poderôso Affonso 7.º e os dos árabes aguerridos e civilisados. A empreza da independencia era por tanto pesadissima cruz para tão noveis hombros.

A grandeza do commetimento era a antithese dos diminutos recursos do commitente!

Mas Affonso Henriques não esperou que o atacassem; — atacou elle!!

Atacou e soffreu revézes, mas teimou, e venceu!! Quem teima vence.

Isto prova que, por via de regra, as boas causas fazem os bons caudilhos; e que o amor da independencia, o amor da patria, e a fé, fazem heroes das proprias creanças!

Dentro da sua casa pode um homem tanto que, mesmo depois de morto, são precisos quatro para de lá o tirarem, como dizia o grande estadista Marquez de Pombal.

E' espantoso o facto que acabo de expôr-vos já pelas circumstancias das pessoas, já pelas do logar? Incontestavelmente — é.

Maravilha seria levar a bom exito tal causa? Certissimamente.

Pois é n'isso que eu vejo o dêdo de Deus, e a influencia da Santissima Padroeira de Portugal: — d'Aquella que desaleijou Affonso Henriques em Santa Maria d'Almacábe: d'Aquella que o agigantou em S. Maméde e Ourique, Leiria e Santarem; d'Aquella que o divinisou em Lisboa! D'Aquella, emfim, que o fez tão grande, e tão temeroso e forte, que até Roma o reverenciou!!

FR. ANTONIO.

O acido salicylico e a questão dos vinhos portuguêses no Brasil em 1900

Coimbra, Imprensa da Universidade, 1906 — XIX — 520 paginas.

Motivos estranhos á nossa vontade teem nos impedido de apresentar aos nossos leitores uma das obras de maior valor scientifico que ultimamente se tem publicado. Esse importante trabalho, devido ao eminente chimico Henri Pellet, vice-presidente da *Association des Chimistes de sucrerie de France et des Colonies*, foi ha pouco vertido em nossa lingua, prefaciado e ampliado pelo sr. dr. Joaquim Ferreira da Silva, lente da Academia Polytechnica e da Escola de Pharmacia do Porto, director do Laboratorio Chimico Municipal da mesma cidade e fundador da Revista de Chimica Pura e Applicada.

N'elle se história e documenta a celeberrima questão da supposta salicylagem dos vinhos portuguêses no Brazil, questão que preoccupou os chimicos, a imprensa e os governos de Portugal e do Brazil, alargando-se pela Europa, sobretudo pela França e pela Allemanha, cujos chimicos tomaram parte em tão ardente peleja de que resultou decisiva victoria para o nosso pais, provando-se a honestidade dos nossos commerciantes de vinhos no mercado brazileiro, e mais uma vez, tambem, pondo-se em evidencia a grande individualidade moral e scientifica do sr. dr. Ferreira da Silva, o respeitabilissimo chimico português que, n'uma nota apresentada á Academia das Sciencias de Paris em agosto de 1900, intitulada — *Sur une cause d'erreur dans la recherche de l'acide salicylique dans les vins portugais*», estabeleceu a hypothese de que nos vinhos portuguêses, accusados de falsificados pelo acido salicylico, cuja reacção era caracterisada pelo methodo Pellet e Grobert, devia, pelo contrario existir um producto natural similar do acido salicylico.

As investigações a que procederam varios chimicos francêses e portuguêses, como Desmoulière, Mastbaum, Cardoso Pereira, Rebello da Silva e outros, vieram confirmar a hypothese do illustre professor da Academia Polytechnica que, tendo realisado numerosas analyses de vinhos de differentes regiões do pais, obteve sempre a reacção do acido salicylico, em percentagem muito inferior á que é empregada na conservação dos vinhos.

O sr. Pellet, auctor do methodo de analyse em litigio, veiu por sua vez confirmar as suspeitas do nosso illustre compatriota, rendendo se á verdade dos factos e dizendo, com a maior imparcialidade scientifica, digna de rasgado louvor, — *que havia em verdade vinhos naturaes que davam a reacção violacea com perchloreto de ferro pelo methodo de Pellet-Grobert.*

No prefacio da obra a que nos estamos referindo diz o traductor: — «Esta noção de uma materia natural dando, pelo tratamento para a investigação do acido salicylico a reacção violacea pelo perchloreto de ferro, era desconhecida no Brasil, em Portugal, em França e outros paises; e mesmo na Allemanha tinha entrado pouco no dominio dos homens da especialidade, não obstante um trabalho do dr. Medicus, apresentado em 1890 numa reunião de chimicos allemães, e d'um outro de Hefelmann, publicado em 1897 sobre *um principio natural* existente nos succos de alguns fructos».

Confirmada assim a existencia do acido salicylico natural, não podiam, é claro, ser considerados, salicylados, isto é, *falsificados intencional ou accidentalmente, pela addição do acido salicylico* vinhos em que applicando o methodo Pellet-Grobert se obtivesse a reacção violacea do acido salicylico com o chloreto ferrico.

O que fazer pois neste caso, isto é, dada a existencia natural do acido salicylico, como determinar a falsificação pelo addicionamento d'esse acido? Dois caminhos ha a seguir, diz o dr. F. da Silva: — ou usar de methodos pouco sensiveis, que não cheguem a dar indicios do acido natural, o que se consegue reduzindo o volume do vinho empregado na analyse, como succede nos methodos de Ivon e Delaye, ou fazendo um doseamento que permittirá reconhecer se a quantidade do principio nos productos analysados é superior á que se encontra normalmente. O sr. Pellet inclina-se para esta hypothese.

Tendo por objectivo salvar o seu methodo dos ataques que lhe eram dirigidos, o sr. Henri Pellet prestou com o presente livro um assignalado serviço ao nosso pais, provando a absoluta genuinidade dos seus vinhos, e á sciencia, que muito lucrou com a polemica travada entre tantos e tão illustres luminares da chimica, em que se enfileira com notavel galhardia o sr. dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, cuja probidade scientifica e elevado patriotismo mais uma vez se confirmaram.

N'esta obra se irmanam e confundem dois sabios de subido quilate: os srs. Henri Pellet e Ferreira da Silva, nomes que a historia da chimica registará com louvor e que a gratidão do nosso pais jamais esquecerá.

Na impossibilidade de darmos idéa completa da presente obra, diremos tão somente que n'ella se faz a exposição dos methodos de pesquiza e doseamento do acido salicylico, desde o primitivo methodo Ivon até á actualidade, comprehendo os methodos estudados e descobertos pelo auctor no decorrer do anno de 1902; em seguida expõem-se os trabalhos tendentes a definir como acido salicylico essa substancia que Medicus, Hefelmann e Ferreira da Silva denominaram com certa reserva principio similar do acido salicylico.

Esta obra, de grande valor scientifico, termina por dois indices bibliographicos muito completos e explicativos: — um por nomes de auctores e outro por publicações referentes á questão do acido salicylico, onde se apresenta toda a litteratura portuguêsa e brazileira, de que se destacam, pela largueza de vistas e amor patriotico, os artigos do vigoroso jornalista sr. dr. Zeferino Candido, que no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, e, depois, na *Epoca*, em Lisboa, pugnou ardentemente pelo nome dos nossos vinhos, sendo forçoso especialisar tambem a dedicação e o auxilio valiosissimo do respeitabilissimo director do mencionado *Jornal do Commercio*, o sr. dr. José Carlos Rodrigues, que, com toda a isenção poz os vastos recursos da sua intelligencia e do seu prestigio ao serviço do nosso pais, cujos trabalhos scientificos sempre fez valer e respeitar.

O OCCIDENTE presta pois, embora um pouco tarde, a sua modesta mas sincera e profunda homenagem de apreço pelos auctores da obra alludida, digna da attenção e do estudo de todos quantos se interessam pelo desenvolvimento scientifico e economico do paiz, que se honra de possuir homens da capacidade scientifica do dr. Ferreira da Silva, cujos trabalhos tendem ao engrandecimento de Portugal, que assim pode occupar logar honrosissimo ao lado das nações onde a sciencia affirma mais visivel progresso.

Depois de escripto o presente artigo, chegou-nos a noticia da extincção do Laboratorio Municipal de Chimica do Porto, determinado por medidas de ordem economica que o municipio portuense tem emprehendido. A eliminação d'esse importante estabelecimento scientifico representa um grande prejuizo e uma vergonha para o nosso pais, onde, infelizmente, rareiam officinas da indole do Laboratorio Municipal do Porto, que desde perto de trinta annos prestou ao pais e á sciencia assignalados serviços, emprehendidos pelo sabio professor e emerito analysta sr. conselheiro dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva e pelos seus dedicados e intelligentes collaboradores.

Muitos e valiosos foram os serviços prestados por aquelle estabelecimento á hygiene da capital do norte, á medicina legal, á hydrologia, pois é ao dr. F. da Silva que se devem as analyses da maior parte das nossas aguas minero-medicinaes, á agricultura, á industria, ao commercio, etc.

Bastava sómente a grande victoria alcançada na famosa questão da supposta salicylagem dos vinhos portuguêses no Brazil, cujo epilogo é representado pela obra que acima apresentamos e cuja solução honrosa trouxe tantos centenares de contos para o nosso paiz, livrando o nosso commercio de vinhos do descredito a que o haviam levado, bastava, repetimos, esse glorioso desfecho, que tão alto elevou o nome e os trabalhos do insigne e abalisado chimico português F. da Silva, para que se mantivesse, como padrão da honestidade e do trabalho valoroso, esse rico monumento scientifico, que, além de largamente dotado com importante material, possue a primeira bibliotheca sobre a especialidade, o que tudo constituia para o seu incançavel director motivo de indizivel orgulho e contentamento.

DR. ANTONIO JOAQUIM FERREIRA DA SILVA

H. PELLET

A noticia de tão espantosa calamidade correu rapidamente, abalando todos quantos conhecem e admiram os trabalhos ao pais e á sciencia prestados pelo Laboratorio Municipal do Porto. Custou-nos a acreditar na consummação de tão grave attentado, que nada desculpa, pois que se poderia, sem grande esforço, mas apenas com um *pouco de boa vontade*, dar-lhe uma solução mais util e honrosa para todos.

A suppressão d'aquelle estabelecimento constitue uma vergonha, que se devia occultar áquelles que lá fora seguem attentamente o que se está passando n'este pais, que se chama civilisado, mas que marcha... *á reculons.*

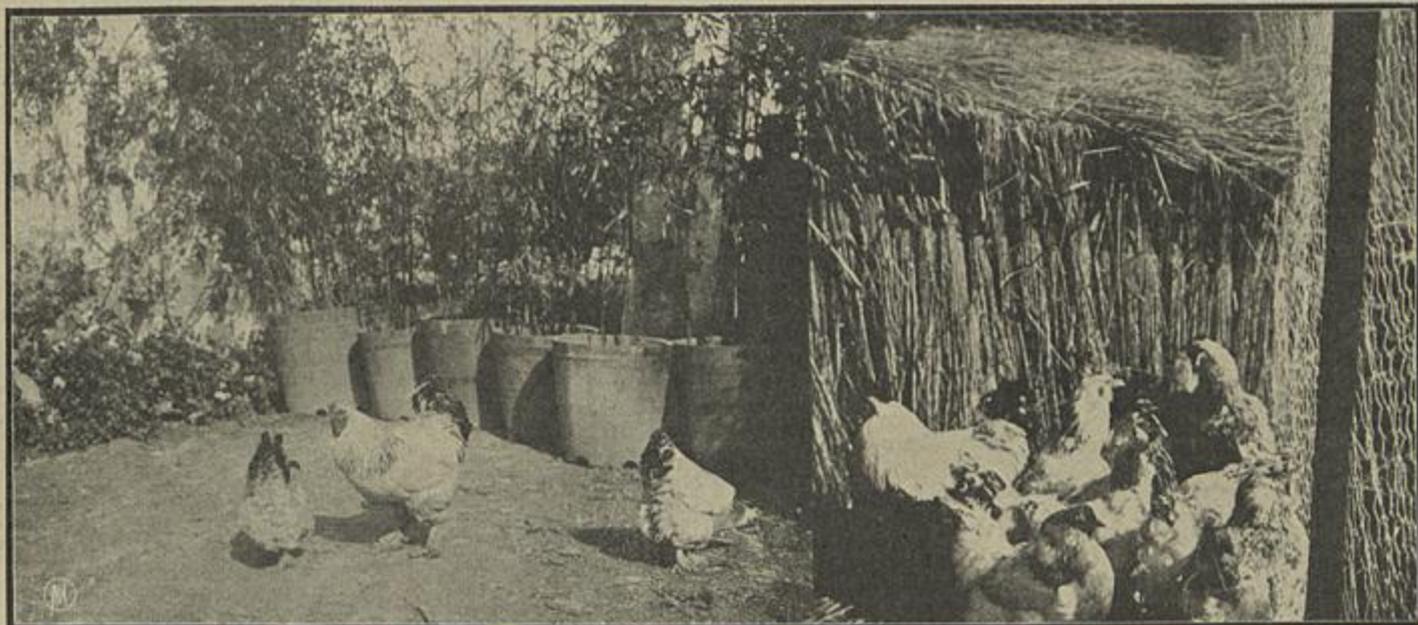
A Academia Real das Sciencias, a Sociedade das Sciencias Agronomicas, a Real Associação de Agricultura, os illustres professores e chimicos srs. conselheiros Achilles Machado, lente da Escola Polytechnica, e Virgilio Machado, lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, e o distincto agronomo e publicista sr. D. Luiz de Castro, protestaram publicamente contra a eliminação do Laboratorio Municipal do Porto, manifestando ao sr. conselheiro F. da Silva o seu pezar por tão deploravel acontecimento.

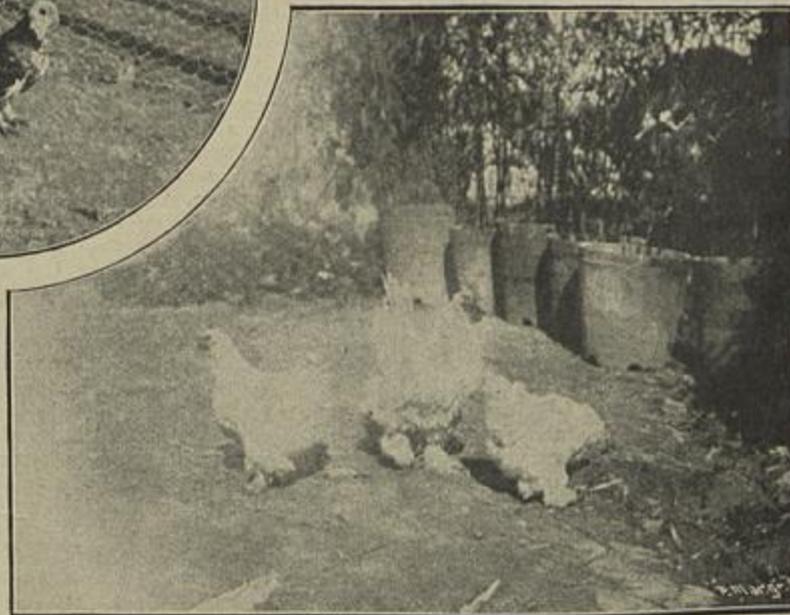
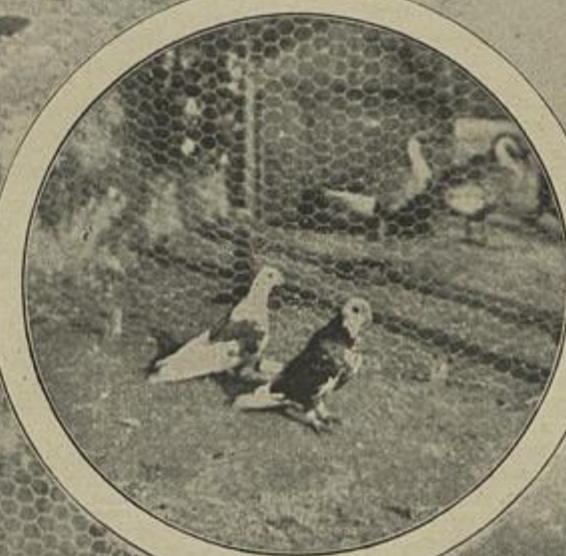
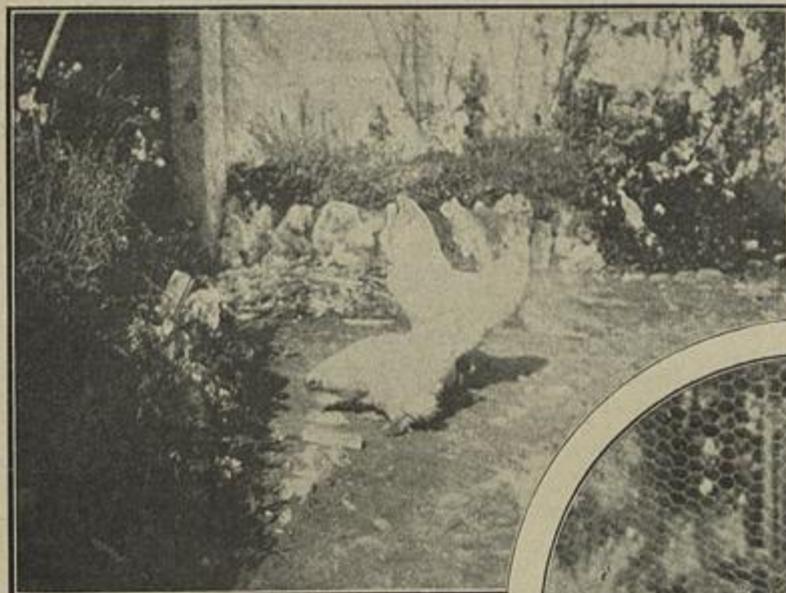
DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES

DR. ZEFERINO CANDIDO

O Occidente, que varias vezes prestou homenagem aos meritos do dr. F. da Silva, apreciando e enaltecendo os serviços prestados por aquelle sabio, algumas de cujas obras teve o prazer de apresentar aos seus leitores, vem associar-se á manifestação do pais, que conhece e aprecia aquella ordem de trabalhos, contra a suppressão da notavel officina scientifica, cuja manutenção e progresso seriam um acto de justiça e, muito mais, um dever patriotico.

J. A. Macedo de Oliveira.

Exposição de aves

Brahmas claros pertencentes ao sr. Pinto Coelho comprados pelo sr. Conde de Sabrosa

Grupo de galinhas Foverelles pertencentes ao sr. conde da Ribeira (D. Vicente)

Cochinchinas brancas, pertencentes ao sr. Pedro Coelho Serra — Galinhas Cochinchinas Perdiz, pertencentes ao sr. Thiago Ybarguen — Pombos Mariolas castanhos, pertencentes ao sr. João Marques da Silva — Gansos da China, pertencentes ao sr. Pedro Coelho Serra — Cochinchinas brancas, pertencentes ao sr. Alfredo Baptista

(Clichés Benoliel)

Bibliotecas Municipais de Lisboa

EXPOSIÇÃO DE AVES

Abriu a publico, no dia 25, uma exposição de aves, a terceira que deste genero se faz em Lisboa, promovida por uma commissão de amadores, cuja tentativa é credora de todo o elogio, esforçando-se por desenvolver, se não criar, no paiz o gosto por este genero de certamens, que concorrem para o aprefeiçoamento e aclimação das variadas especies de aves, a maior parte das quaes de grande utilidade e importancia na industria rural e no seu comercio.

A exposição realisada no Parque Eduardo VII da Avenida da Liberdade, em installações apropriadas, está dividida em três secções ou grupos respétivamente de gallinaceos, palmipedes e columbideos, havendo ainda um grupo de aves canoras e uma secção de material avicola.

Para o limitado meio de todas as nossas cousas é ainda assim importante o numero de expositores, em que decerto não estarão incluidos todos quantos cultivam o genero.

Os expositores que concorreram ao certamen e que apresentam bellos exemplares, especialmente de gallinaceos e columbideos, são o srs.: Conde da Ribeira Grande (D. Vicente), Pedro Serra, Alfredo Baptista, Carlos Zeferino Pinto Coelho, Filipe Tormenta, João Marques da Silva, D. Clotilde Garcez, Visconde das Larangeiras, E. D. Buckler, Rodrigo Gonçalves das Neves, Thiago Ybarguen, Arthur Noronha, Joaquim Abel, Geraldo de Azevedo, João Marcos de Almeida Garcez, N. Silva, Marianno Rebello, Pedro Lopes Ribeiro, Carlos Pinto Coelho de Castro. D. Elisa Pereira da Costa, D. Margarida C. Lima Ferreira Cardoso, José Joaquim da Costa Mesquita, J. B. Bello de Carvalho, D. Virginia Correia, Jayme L. Azancot, Luiz José Gomes, D. Laura E. Marques de Oliveira, D. Maria de Vasconcellos, João Velloso de Azevedo Coutinho, Augusto Cesar de Vasconcellos, E. Arthur Hickie, Douglas Hickie, J. J. Cyrilo Junior, Estevão de Sousa, Antonio José de Carvalho, José Thiago Nazareth, D. Alice Barreiros Cyrilo, Carlos A. Barreiros, Miguel Augusto de Oliveira e Antonio Francisco Larangeira.

Os juris dos diferentes grupos composto em parte de membros da commissão promotora do certamen e de expositores, conferio diplomas de medalhas de ouro, de prata, de bronze e mensão honrosa a grande numero de concorrentes, entre os quaes mencionaremos a sr.ª D. Elisa Pereira e Conde da Ribeira Grande (D. Vicente) premiados com medalhas de ouro, pelas suas chocadeiras, sr. Buckler medalha de prata pela sua criadeira e medalha de ouro pela engordadeira, assim como á maior parte de expositores de gallinaceos, columbideos e palmipedes, etc.

A exposição foi visitada no dia em que abriu pela Rainha Senhora D. Amelia e no dia seguinte por El-Rei D. Carlos, além do publico que ali tem concorrido e apreciado o certamen, comprando alguns dos exemplares expostos, que os ha magnificos e de muita estimação, avaliados alguns casaes de gallinaceos em 50$000 réis e de pombos em 100$000 réis.

A commissão que promoveu este certamen compõe-se dos srs. Conde da Ribeira Grande (D. Vicente), Miguel Augusto de Oliveira, João Marques da Silva, Carlos Zeferino Pinto Coelho, Alfredo Baptista, Pedro Coelho Serra e Filipe Tormenta.

Pelas nossas provincias e ilhas

III

O problema historico da Cava de Viriato

Achando-me em Vizeu (1892), com demora prescripta para quatro mezes, pensei em entreter a curiosidade natural do meu espirito com aquelle problema, que, pela novidade e alli sob os meus olhos, tanto me interessou logo aos primeiros dias.

Do que li, e mais ainda do que directamente observei, fiz chronica em um folheto que imprimi por minha conta e de que se vendeu alguns exemplares, na Beira, para auxiliar a cobrir a despeza. (*)

(*) **A Cava de Viriato** — Noticia descriptiva e critico-historica — Com um appendice a proposito dos Moinhos do pintor — Subsidio para a questão da existencia de Grão-Vasco — 62 paginas — 1893 — Edição de 100 exemplares. exgotada.

Fiz a critica da tradicção, que atribue a obra de mão do homem, que lá se vê (entrincheiramento, etc.), ás legiões romanas, tradicção sem verosimilhança, não obstante mantida por historiadores mais ou menos fradescos. Essa critica fundamento-a em seis argumentos que desenvolvo.

A seguir e conjecturalmente, registo o que se me afigura das origens d'aquelle singular monumento historico.

Em 1894, Maximiano d'Aragão, publica o 1.º volume da sua obra sobre Vizeu, onde se encontra compendiado e organisado com bom criterio e muita dedicação, tudo o que havia aproveitavel de investigado e o mais que o auctor investigou por conta propria ácerca da capital da Beira Alta.

O problema historico da Cava ficou como estava, como eu o encontrei, e como o deixei; e assim temos, que então como ainda hoje as interrogações que ergui na minha monographia estão de pé:

— De que epocha historica são aquellas trincheiras e fossos?

— Porquem foram trabalhadas?

— A proposito de quê?

— Com que intuitos?

— Para servirem de que modo?

*

No VI capitulo — Probabilidades — já esboço a ideia de, a obra primitiva, um abrigo defensivo, construido seguramente com intuitos protectores, ter sido trabalho do indigena luso, pre-romano ou proto-romano; e, leituras subsequentes teem vindo avigorar em mim aquella conjectura.

A quem, das alturas de Vizeu, observar a Cava com olhos de vêr, talvez sinta gerar-se-lhe mentalmente estas congitações:

A topografia d'este fundo de valle, esta vasta chã, prado ou campina, que qualquer dos nomes poderia ter merecido, regada por duas ribeiras, de terreno alagadiço, e de ar humido em virtude das alturas que a envolvem, e que por todas estas condições naturaes e antes d'agricultada, parece dever ter sido um farto lameiro (na accepção que lhe dá o beirão e o transmontano), um herváçal de abundante pastagem, guardada e abrigada por montes e colinas de suave declive e excellentes para vigiar ao largo, não teria sido aproveitada pelo homem em tempos de viver rude e pastoril, quando o rebanho era a propriedade de maior valor para alimento e para commercio?

E o homem, para melhor recolher e defender o gado no fundo do valle, quando lhe fosse necessario, não vedaria este, circumvallando-o, construindo assim uma *cêrca*, um *curral (o kraal* africano) uma *defêsa*, tal como a *dehesa* em Hespanha e entre nós o *curral do concelho*, logradouro commum onde os municipes mandam o seu gado a pastar?

E não seria esta construcção aproveitada para abrigo seu e dos rebanhos pelos guerreiros de Viriato (d'aqui pois a tradicção de Cava de Viriato), em certo numero, pastores, ou melhor dizendo, creadores de gado da Estrella, e mais tarde tambem pelos herminios restantes na serra e sahidos á ordem de Cesar?

Alexandre Herculano, na sua Introducção á *Historia de Portugal*, diz: «Morto Sertorio pela traição de Perpenna, a Hespanha submetteu-se a Metello e Pompeio. D'ahi a poucos annos Cesar, pretor então na Lusitania, exigiu dos habitantes do Herminio (Serra da Estrella), que viessem viver nas planuras». Os montanheses que resistiram foram exterminados.

Aqui não se diz determinadamente se alguns herminios se fixaram ou não n'aquella planicie; todavia, que nella ou por alli perto, já os lusitanos do tempo de Viriato se travaram em recontro com os legionarios romanos, bastantes annos antes da vinda de Cesar á Lusitania, assim é mencionado por alguns historiadores (além da tradicção), apoiados, cremos, em escriptores latinos.

Assim, se os lusitanos, depois da victoria, por alli demoraram, e se decorridos annos, algum troço de herminios desceu áquella chã tão asada a comprazer á nostalgia dos serranos, pois que das alturas adjacentes claramente se gosa e admira o panorama da gigante serra, em toda a magestosa altitude, em todo o poderoso relevo, revestido o dorso pela alvura da neve a maior parte do anno, porque não serão d'esse tempo aquelles valles rudimentares de que falámos, não erguidos, como fortalesa, em tom ameaçador de guerra (claro está que os romanos não lh'o consentiriam) mas como abrigo protector a que se acolhessem e mais os rebanhos?

*

Do valor das lãs, n'aquelle tempo, diz-nos Plinio:

— «A Hespanha fornece lãs de muitas e variadas côres, ditas naturaes... a lã de Salacia, na Lusitania, é recommendada para estofos de coxins, almofadas, etc.... A Hespanha tem uma especie de carneiros — o montez — cujo pêllo mais se parece com o da cabra que com a lã da ovelha.» Plinio. *Hist. Nat.*, L. VIII, Cap. LXXIII.

E' conhecido de todos, os numerosos rebanhos que actualmente se criam na Estrella, e d'onde nos vem, todo o anno, ás desenas de milhares, o *queijo da serra*.

(Continua.)

Henrique das Neves.

Aditamento ao artigo do numero precedente (II)

Depois d'escrito o artigo precedente tomámos conhecimento de outra interpretação da palavra *Cava*, mas não que esteja comprehendida no sentido locativo, unico que n'esta occasião, nos interessa, aproposito da *Cava de Viriato*.

Não obstante, como curiosidade, aditaremos o que o padre Isla, jesuita hespanhol, informa, que entre os arabes da primeira invasão era mais conhecida pelo nome de *Cava*, Florinda, a filha do Conde Julião, nobre das Hespanhas, dama da rainha esposa de Rodrigo, então o rei visigodo na peninsula e que foi o derradeiro.

Cava, em lingua arabica, esclarece o padre, significa — *mulher violada na sua virgindade*. Este cognome, portanto, aplicado a Florinda, derivou do estupro (rauso), cometido pelo rei Rodrigo (o rousso da *Cava*) em Florinda (a roussada). Acrescenta, por ultimo, que aquelle epitheto deprimente aplicado pelos mouros, veio a ser, equivocamente tomado por alguns historiadores como nome proprio e pessoal de Florinda.

De resto, é conhecido como o pae, então governador de Septa (Ceuta), ferido pelo rei na sua honra, se vingou facilitando aos mouros a passagem do Estreito, abrindo-lhes assim as portas á invasão na peninsula, que derrubou para sempre a monarchia visigothica. E' este o thema do discutido — *Poema da Cava* —, que appareceu no seculo XIV.

Tanto a historia da Covilhã, como o seu brazão d'armas municipal se referem ao Conde Julião, e embora não seja ponto incontroverso o ter sido elle o fundador d'áquella povoação nos ultimos annos do 7.º seculo da era christã, como se pretende, é muito de crer que o seu senhorio e residencia habitual fossem por alli, na cava-lhana ou cova-lhana (Cova da Beira, a extensa chã por onde corre o rio Zezere.

* * *

Outro elemento que não entra aqui fóra de proposito: O termo francez *cave*, significando o pavimento subterraneo (o mais fundo por tanto) nas construcções urbanas, tem o seu equivalente no termo portuguez *cava*, conforme alguns diccionaristas indicam, dispensando perfeitamente mais aquelle francesismo da moda.

N.

TUBERCULOSE

«Salus populi suprêma lex»

I

Na obediencia integral a esta maxima sublime, deveriam fazer consistir um dos ideaes de governo, os dirigentes das sociedades.

Se assim fosse não avultariam tão tremendos os constrastes, não seria fascinante e prestigioso o metal amoedado e verdadeiramente nobre se revelaria o oriente de cada povo.

O interesse pessoal, o orgulho, a vaidade vencem, porém, o que haja de generoso e puro no coração da creatura humana e obstam á perfeita execução da conceituosissima sentença latina.

Nota-se, em especial, no progresso crescente e assustador de certas doenças, o predominio das ruindades viciosas, as quaes, não obstante, procuram quasi sempre acobertar-se debaixo da cativante aparencia da filantropia e da dedicação.

Como consequencia logica do facto, regista-se a continuidade no quadro negro dos obituarios e a ascendente desproporção entre a imponencia dos edificios destinados a debelar enfermidades e a curar enfermos e o negativo equilibrio economico do meio mais exposto ao mórbo e, com efeito, de preferencia atacado, — o mundo da miseria.

Uma doença, entretanto, assume um papel de ceifeira terrivel e pouco menos do que invulneravel, — a Tuberculose, de que Cesario d'Abreu, no prefacio duma sua conferencia, apresentada em Coimbra em 1895, escreveu isto: «uma das maiores doenças que victima a humanidade, para cujo obituario contribue a Europa com meio milhão de desgraçados, incluindo o nosso pequeno Portugal com a contribuição de vinte mil baixas, apesar das condições essencialmente benignas do seu clima...»

Desta opinião se prova o ilustre Blanchard, traçando em novembro ultimo estas linhas no começo do introito com que honrou o medico portuguez Sousa Teixeira no volume por este dado á estampa em Paris, sob o titulo — *Diagnostico precoce da tuberculose pulmonar:*

«Sem embargo dos admiraveis progressos consumados durante os ultimos annos, em relação á cura e profilaxia das mais mortiferas molestias contagiosas, a tuberculose avança inflexivel na chacina das populações. Não ha doença epidemica mais dissimulada no inicio e mais traiçoeira; nenhuma produz lesões organicas mais profundas e de restauração mais dificil. Poucos dos infelizes que éla ataca escapam á morte, depois de haver espalhado em torno assombrosa quantidade de germes morbidos que, cedo ou tarde, ceifarão outras existencias. Que desoladora doença, e quanto nos reconhecemos desarmados contra éla!»

Salteador indomavel, entra em toda a parte e penetra em todos os orificios.

A tuberculose, lê-se no livro *Précis de Microbie*, por Thoinot e Masselin, edição de 1893, possue para porta principal de entrada no homem as vias respiratorias; e é o escarro do tisico, cheio de bacilos de Koch, que constitue o perigo maior de contagio tuberculoso para o individuo são.

Em alguns casos, raros, a tuberculose tem como fonte uma inoculação acidental.

Com frequencia, pode ser contraida pela via dijestiva: assim, o uso do leite crú procedendo duma vaca tuberculosa, oferece um perigo real para as creanças. Em teoria, admite-se que a carne de animaes tuberculosos possa constituir algum perigo, mas apenas em circunstancias de absoluta excéção.

Por ultimo, tambem ha rasões para pensar que a via genital não seja estranha á transmissão da tuberculose.»

Assim, esta estranha e terrivel consumidora do organismo, esta coveira tipica de encantos e de esperanças, tem todas as facilidades para operar com segurança, todo o apoio para destruir com triunfo.

Não poderá ser combatido um tão grande mal, com antidoto de relativa eficacia?

«Se a higiene geral e os poderosos ajentes fisicos, (nós indicamos: o ar, a luz e a agua), são os unicos meios profilaticos a opôr á tuberculose, a fisico-terapia é tambem a unica terapeutica a empregar contra a doença confirmada.

O ar puro do campo e das montanhas, o sol, a luz, a agua, no interior e no exterior são, com effeito, neste caso, meios de cura por excellencia.»

Os periodos precedentes encontram se na comunicação feita ao congresso americano da tuberculose em Atlanta-Georgia pelo Dr. J. A. Rivière, e inserta no n.º 2, ano 5.º mez d'abril de 1905, da publicação parisiense denominada—*Anales de Physicothérapie.*

«A ignorancia, que é a grande miseria do espirito, e a falta de meios constantemente aggravada por onus pesadissimos e pelo fisco que vae até á tributação exaggerada do alimento mais frugal, dissera Lopo de Carvalho na sua conferencia de 22 d'abril de 1900, no teatro de Dona Maria, em Lisboa, são os grandes obstaculos á vulgarisação dos principios de hygiene e á execução das medidas therapeuticas!»

E' nesta altura que cabe de novo a maxima que tomei para epigraphe do presente estudo:

«Salus populi suprêma lex»

(Continúa.)

D. Francisco de Noronha.

LIÇÕES DE FOTOGRAFIA

Um novo método é agora empregado para se obter um reforço nos positivos sobre vidro, ou em fotografias sobre papel bromado.

Basta para isso, mergulhar a prova do cliché que não tenha saido perfeito num banho composto de:

Agua..................	100 gr.
Brometo de potasio.......	5 »
Bicloreto de mercurio.....	2 »

até que a imagem desapareça por completo, lavando-se com cuidado para que na prova não fique vestigio de sal de mercurio soluvel. — Em seguida, a prova é ainda banhada numa solução composta de

Agua...........................	100 gr.
Sulfureto de sodio puro cristalisado.	1 »

Deve se demorar a chapa n'este ultimo banho durante uns dez minutos, findos os quaes, é lavada em agua corrente até eliminar todo o sulfureto.

EPISODIO DE VIAGEM

INSTANTANEO

Á LUZ DA ESTEARINA

Tres badaladas da sineta.

Fecham-se as ultimas portinholas das carruagens, dá-se um ultimo aperto de mão aos amigos que ficam e o comboio parte.

Mais um lenço branco que manda saudades, mais um aceno e entra-se na boca negra do tunel da Avenida.

Tudo se assenta e accommoda a experimentar a dureza dos bancos estofados e por estofar.

Mette-se conversa a proposito do tempo, da velocidade e aceio dos comboios, delicadeza dos empregados e votos de «queira Deus» que não haja algum descarrilamento,... a proposito de tudo e a proposito de nada.

Olham-se as figuras que nos cercam e talvez nos hajam olhado primeiro, cumprimenta se um conhecido e toma se conhecimento com um cumprimentado, para que a viagem não seja tão pesada.

E' sempre curiosa a promiscuidade de typos acumulados nos compartimentos d'aquella arca de Noé talhada sobre o comprido.

Aqui, um militar sem os respectivos ornamentos de metal amarello.

E' um reformado que regressa á «santa terrinha».

Competente bolsa de diversos coloridos com a roupa de reserva e uma guitarra que ainda ha de ser delicia dos conterraneos.

Ali, um beirão pansudo que volta de mostrar a capital ás filhas.

Vae pensando onde ha de ir economisar a verba das despezas feitas.

Porque, isto de um homem vir com a familia á capital, — estar alguns dias para ter tempo de correr a Baixa, ir ao Colyseu, passar o Tejo em vapor para a Outra Banda, comprar umas lembranças para os sobrinhos que certamente os vão esperar a uma legua de casa, — sempre exige a despeza de alguns mil réis e não se pode estar sempre a mexer no pé de-meia.

Além, um rapaz dos seus dezesete annos, pallido e melancolico. Deve ser um seminarista. Olhando sempre para fóra, distrahido de tudo e de todos, não ouve nem diz. Leva, por certo, (e na sua edade é uma justa aspiração) o coração enlutado por alguma paixão que talvez não possa vir a realisar de bem com Deus e com o mundo, mas que o acompanhará pela vida toda.

Acolá um par que segreda e ri. Conheceram-se ali, mas parece que não mais se hão de afastar. Começam a atrahir as attenções; uns com inveja e outros com pezar do que tambem passou por elles e já não volta mais.

Diz-se á bocca pequena que o rapaz — aperaltado é bem falante — fez já promessa de levar á egreja a... (é uma mulher, que se não póde adjectivar porque, como todas as mulheres, é um problema insoluvel a uma primeira vista). Teem gestos de quem respectivamente se afiança para a vida e para a morte.

Fixam-se mais as attenções n'aquelle quadro sem sombras. Mas, ai! bem dizem os velhos que não ha gostos perfeitos! Após uma pequena paragem, o comboio retoma a fuga. Entrára para o mesmo compartimento alguem cujas feições, um enorme chapeu d'Alcains — de borla e cordão azul — não deixára ainda perceber.

Acondiciona o alforge, e, quando vae para sentar-se, relancea um primeiro olhar investigador pelos que estão, dá n'aquelle rapaz — aperaltado e bem falante —, e exclama abruptadamente: — «O' senhor Antoninho!!!» Tudo se move n'um só tempo a tomar conhecimento do dito e quebra-se todo o rumor. Silencio absoluto e interrogativo.

E aquelle alguem que entrára, radiante d'alegria por encontrar um conhecido, continua, apertando-lhe a mão — «a senhora e os meninos?!»

O rapaz morde o beiço, a rapariga fita-o terrivelmente. Tudo explicado!

Calcule o leitor este desfecho de scena, porque quantas mais explicações mais confusões!

José Boavida Portugal.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO VII

(Continuado do n.º 1022)

Como já disse, ficava a igreja a meio da largura da fachada, em cujos extremos dois corredores, um ao nascente e outro ao poente, tomavam todo o comprimento do edificio, perpendicularmente áquelle. Nesses corredores, que eram abobadádos e que recebiam luz por muitas janellas, ficavam somente os cubiculos dos noviços, com janellas sobre a cêrca, de onde se disfrutáva uma esplendida vista.

Por detraz da igreja e paralelamente á facháda principal corria um dormitorio, que dividia o edificio pelo meio, facilitando a passagem de um corredor para outro. Entre o corredor do nascente, que olhava para a cidade, e o templo, existia um c austro com quatro lanços pequenos, com seus pilares de cantaria e os respectivos arcos sobre elles, tudo branqueado a cal. Num desses lanços havia tres vãos, como nichos de igreja, que serviam de locutorio aos noviços, porque era prohibido entrar nos corredores outra pessoa que não fosse algum principe da igreja ou pessôa de grande categoria, e ainda uma porta que communicava o claustro com o interior da casa.

Por cima dos quatro lanços inferiores corriam outros tantos, correspondentes ao segundo pavimento do edificio, com as janellas rasgadas sobre as arcadas do claustro, — muito bons e capazes, diz o cronista — cujas janellas acompanhavam a portaria e onde muitas vezes se alojavam os confessores do Paço e para conferenciarem sobre graves assumptos com pessoas de primacial importancia.

Do outro lado da igreja ficava outro claustro identico a este, encostado ao qual estava a sacristia do templo, e onde se achava instalado o refeitorio e outras oficinas, servindo ao mesmo tempo de passagem para a portaria do carro. Neste corredor do poente ficavam os alojamentos dos noviços e dos padres velhos e achacósos, porque lhe permittiam irem ao claustro, á portaria e ao refeitorio, sem que tivessem de descer ou subir degraus, ficando apezar disso alguns metros levantados do chão as janellas dos cubiculos.— Sobre os três corredores que ficavam no primeiro pavimento assentavam por cima outros três, para os quaes se subia por uma escadaria de pedra, larga e clara, que ia ter ao corredor, parallelo á fachada principal, de que já falei.

Era proximo desta escada que ficava uma das duas capelas interiores do noviciado. Esta era a principal. Nella gastou o generoso Lourenço Lombardo, cêrca de mil cruzados, fazendo-a quasi toda de novo, inda antes de entrar para a companhia. Pela sua situação, no principio do primeiro corredor de cima e perto da portaria, era muito frequentada, não só dos noviços, como de outros padres que ali iam dizer as suas missas, e de muitos nobres que ali acorriam nas festas, frequentes do noviciado, em honra da virgem padroeira da capela.

O tecto era de abóboda, gessado e com lavores de ouro. — O chão era ladrilhado, tendo no meio uma pedra de marmore preto.

No lado esquerdo da capela havia três janellas, por onde esta recebia abundante luz, com as vidraças pintadas de verde, assim como a bandeirola da porta da banda de dentro. — Entre ellas viam-se umas télas representando varios passos da vida de S. Francisco Xavier, devidas ao pincel do mesmo artista que pintára o retabulo da capella mór da igreja, que era o noviço Domingos da Cunha, de que adiante falarei. As molduras eram de talha dourada.

Por baixo destes paineis e rodeando toda a capela, havia um rodapé de excelentes azulejos representando os misterios de Nossa Senhora, e entre as portas que lhe davam accesso, existia um grande painel emoldurado em talha doirada onde se via S. Francisco Xavier morrendo em uma cabana, em miseravel desamparo. O restante das paredes livres de télas, era gessado com lavores de ouro similhantemente ao tecto.

Do outro lado, fronteiro á parede das três janel-

las, ornavam a parede algumas telas do mesmo artista, representando os passos da vida de Santo Ignacio de Loyola, fundador da Companhia, assentes, da mesma forma que os outros, sobre um rodapé de azulejos.

Na capela-mór, toda dourada, via-se um retabulo do mesmo autor, e sobre o arco della o nome do salvador do mundo em lavores de gesso com raios de ouro em derredor.

Neste pequeno templo resava se todos os dias uma missa de alva á qual assistiam todos os noviços, e ás vezes alguns padres da casa professa, para o que havia, encostados á parede fronteira ao altar, uns largos assentos com remates de talha. Encostados ás paredes lateraes haviam tambem uns bancos singelos para os noviços ouvirem as práticas espirituaes, que eram diarias. Completavam a ornamentação dois grandes armarios doirados, para arrecadação dos paramentos, em um dos quaes, de grande fundura, se revestia o padre para a celebração do sacrificio da missa. (1)

No corredor do andar inferior, que vinha da portaria, ficava a outra capela consagrada á Virgem, de menores dimensões do que a primeira — O painel do altar era uma copia da lendaria tela atribuida ao Evangelista S. Lucas.

O tecto era de abobada, ornado de uma simples pintura. Nas paredes estavam quatro telas representando os quatro doutores da igreja. O resto da parede, livre de paineis, era coberto de azulejos.

O altar, sob um arco de cantaria, tinha, em meio de um retabulo de talha, a imagem da Senhora, muito venerada dos noviços. Fronteiro ao altar, recolhida sob outro arco de pedra, ficava uma porta larga, a qual se abria para a enfermaria donde os noviços doentes podiam ouvir missa todos os dias.

O edificio do noviciado possuia tambem um espaçoso pateo interior, descoberto, com duas cisternas, entre os dois corredores que corriam ao comprimento delle e o que havia na sua largura, não

M. Narayan Apá Oido

se tendo chegado a ultimar o projecto de Baltazar Alvares, que era de lhe fazer quatro lanços de corredores em derredor. Apenas três se chegaram a construir e, no dizer dos proprios jesuitas, nem tanto era preciso para alojamento dos noviços que poucas vezes passavam de quarenta e *que viviam mais contentes com o canto de um cubiculo do que os que vivem no mundo em palacios mui grandiosos* (1).

G. de Matos Sequeira

(1) Esta capela ardeu em dezembro de 1731 — A chama de uma vela tombada sobre os estofos que ornamentavam um presépio, deu origem ao incendio Os noviços que trabalhavam na construção do presepio, tão rapido crescimento tomou o fogo, a custo se salvaram — Veio abaixo o estuque do tecto, ficaram destruidas diferentes armações e arderam quasi todos os paineis de Domingos da Cunha — Os prejuizos orçaram por 5000$000 reis (Mss do B. N. B — 12-33-Capitulo 7.º Paginas 345).

(1) Toda a descrição do edificio é extraida dos apontamentos manuscritos de um padre da companhia, existentes na Torre do Tombo, intitulados: *Memoria Historica da Fundação da Casa do Noviciado da Cotovia* (Maço 10 dos Documentos do Cartorio do Colegio dos Nobres, Cap X) e dos já citados documentos da Biblioteca Nacional.

M. Narayen Apá Oido

CURA DA TUBERCULOSE

E' o retrato d'um indú que na obscuridade d'uma aldeola de Gôa (India), tem sabido alcançar as benemerencias da humanidade soffredora.

M. Narayen Apá Oido — é este o seu nome — combate efficazmente a tuberculose, tendo realisado curas admiraveis ainda em casos já dados por perdidos. A' sua casa de Querim, concelho de Pondá, affluem diariamente centenares de pessoas dos mais remotos confins da India, a buscarem o remedio para tão terrivel molestia.

E Apá, tão modesto como intelligente, informa-se minuciosamente do estado dos seus doentes, recebe todos que lhe recorrem á pericia, com uma bondade encantadora e, quando se lhe pede visita, fal-a com a maior presteza e muitas vezes gratuita, cercando o doente de palavras de conforto e animação, levantando-lhe o espirito abatido pela consciencia da sua molestia, com promessas de o deixar alliviado.

A acção dos seus especificos não só se tem feito sentir vantajosamente em Gôa, como tambem em Lisboa, onde o sr. Apá tem logrado arrancar ás garras da morte algumas pessoas consumptivas, que se consideravam irremissivelmente perdidas, e continúa a tratar muitas outras, recebendo, de mala em mala, informações e pedidos.

Dizem que o seu tratamento é mineral, entrando nos seus preparados metaes preciosos, sobretudo o ouro, o que faz que seja elevado o custo dos seus medicamentos.

Filho de Pandurongo Oido, que tambem foi um medico afamado na tuberculose, o sr. Apá é um cavalheiro culto, muito versado na litteratura sanskrita, conhecendo, porém, pouco o portuguez. Redigia em maratha uma importante revista medica, cujo director era o dito seu pae e collaborador o irmão dr. Ramachondra, tambem especialista nas doenças dos orgãos respiratorios.

N'estes tempos, em que a tuberculose vae alastrando com facilidade, levando lucto e miseria a tantas familias, despovoando tantas cidades e villas cremos prestar um bom serviço apresentando n'esta revista o retrato d'esse benemerito que tão admiravelmente combate a devastadora molestia.

COUTO & VIANNA — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES

GAZOZAS LITHINADAS

Approvadas pelo Alvará Regio de 30 de Novembro de 1906

Deposito geral: Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 1$500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

—LISBOA—

Sempre bom sortido de camisas, camiselas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

PHOTOGRAPHIA FERNANDES

Grande novidade em photo-oleographia ou photographia, colorida a oleo por um processo moderno

Especialidade em retratos de creanças

REPRODUCÇÕES — AMPLIAÇÕES

Trabalhos fóra do atelier

Photographias de animaes, paisagens, Jardins, Interiores, etc., etc.

PREÇOS CONVIDATIVOS

Lisboa — Rua do Loreto, 43 — Lisboa